

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO – UFRPE
DEPARTAMENTO DE LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS – DLCH

RAIANA BARBOZA DE OLIVEIRA

**A REPRESENTAÇÃO DA CIDADE DE PORTO ALEGRE NAS OBRAS *CLARISSA E
OLHAI OS LÍRIOS DO CAMPO*, DE ERICO VERISSIMO**

Recife-PE
2019

RAIANA BARBOZA DE OLIVEIRA

**A REPRESENTAÇÃO DA CIDADE DE PORTO ALEGRE NAS OBRAS
CLARISSA E OLHAI OS LÍRIOS DO CAMPO, DE ERICO VERISSIMO**

Trabalho de Curso submetido à
Universidade Federal Rural de
Pernambuco como parte dos requisitos
necessários para a obtenção do Grau de
Licenciatura em Letras (Português e
Espanhol), sob a orientação da Professora
Doutora Patrícia Soares Silva.

Recife-PE
2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Biblioteca Central, Recife-PE, Brasil

O48r Oliveira, Raiana Barboza de.
A representação da cidade de Porto Alegre em Clarissa e Olhai os lírios do campo, de Erico Veríssimo / Raiana Barboza de Oliveira. – Recife, 2019.
25 f.

Orientador(a): Patrícia Soares Silva.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Departamento de Letras e Ciências Humanas, Recife, BR-PE, 2019.
Inclui referências.

1. Modernismo (Literatura) – Porto Alegre (RS) I. Veríssimo, Érico, 1905-1975 II. Clarissa III. Olhai os lírios do campo IV. Silva, Patrícia Soares, orient. V. Título

CDD 371.3

A REPRESENTAÇÃO DA CIDADE DE PORTO ALEGRE NAS OBRAS CLARISSA E OLHAI OS LÍRIOS DO CAMPO, DE ERICO VERISSIMO¹

Raiana Barboza de Oliveira²

RESUMO: Este trabalho tem, como objetivo, o estudo da representação da cidade de Porto Alegre nos romances *Clarissa* (1933) e *Olhai os lírios do campo* (1938), de Erico Verissimo. Nele, apresentamos uma análise baseada em dois elementos da narrativa, o espaço e a personagem, destacando como o primeiro deles influencia na formação da identidade das personagens Clarissa e Eugênio. Também abordamos o processo de modernização da cidade de Porto Alegre, na década de 1930, presente nas duas obras.

PALAVRAS-CHAVE: Erico Verissimo. Modernização. Porto Alegre. Clarissa. Olhai os lírios do campo.

RESUMEN: Este trabajo tiene, como objeto, lo estudio de la representación de la ciudad de Porto Alegre en los romances *Clarissa* (1933) e *Olhai os lírios do campo* (1938), de Erico Verissimo. Aquí, presentamos un análisis basado en dos elementos de la narrativa, el espacio y el personaje, destacando como el espacio influye en la formación de la identidad de los personajes Clarissa e Eugênio. También abordamos sobre el proceso de modernización de la ciudad de Porto Alegre, en la década de los 1930, presentes en las dos obras.

PALABRAS CLAVE: Erico Verissimo. Modernización. Porto Alegre. Clarissa. Olhai os lírios do campo.

ABSTRACT: This paper investigates how the city of Porto Alegre is represented in two novels of Erico Verissimo: *Clarissa* (1933) and *Olhai os lírios do campo* (1938). Narrative elements - mainly space and characters - were also analysed. The inquiry revealed how the construction of the protagonists of these novels is deeply associated with the environment of the city. The research also considers the process of urbanization of Porto Alegre during the 1930s as figured in both novels.

KEY-WORDS: Erico Verissimo. Modernization. Porto Alegre. Clarissa. Olhai os lírios do campo.

1 Trabalho apresentado ao final da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso, ministrada pelo Prof. Dr. Inaldo Firmino Soares, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em Letras Português/Espanhol, sob orientação da Prof^a. Dra. Patrícia Soares Silva. Julho/2019.

2 Licencianda em Letras Português-Espanhol pela UFRPE. E-mail: rai.deoliveira@hotmail.com.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
O espaço e a cidade no romance.....	6
Breve biografia do escritor Erico Verissimo	9
A cidade de Porto Alegre na obra de Erico Verissimo	10
A obra <i>Clarissa</i>	16
A obra <i>Olhai os lírios do campo</i>	19
Considerações finais.....	26
Referências.....	28

INTRODUÇÃO

No decorrer da história da literatura brasileira, o romance foi se transformando em um dos mais importantes gêneros narrativos. Tal modalidade resultou na inovação das diferentes formas de narrar, quebrando padrões fixos até então correntes. Assim, proporcionou maior liberdade ao escritor, alcançando a preferência do leitor por essa variedade de texto.

O presente trabalho está dividido em cinco capítulos e tem, por objetivo, investigar e analisar a representação da cidade de Porto Alegre nas obras *Clarissa* e *Olhai os lírios do campo*, escritas pelo renomado gaúcho Erico Verissimo, e publicadas em 1930 e 1938, respectivamente.

No primeiro capítulo, este estudo preocupa-se em expor as principais teorias sobre o espaço e a cidade no romance, abordando ideias dos pesquisadores Gaston Bachelard, em *A Poética do Espaço* (1989); Osman Lins, *Lima Barreto e o espaço romanesco* (1976); Antônio Dimas, na obra *Espaço e Romance* (1987); e no livro *Sujeito, Tempo e Espaço Ficcionalis - Introdução à Teoria da Literatura* (2001), dos escritores Luis Alberto Brandão Santos e Silvana Pessôa de Oliveira.

Já no segundo capítulo, faremos uma breve biografia sobre o escritor Erico Verissimo, mencionando a sua trajetória de vida, bem como as suas principais obras.

No terceiro capítulo, trataremos da cidade de Porto Alegre nas obras de Verissimo, apontando os processos de modernização na década de 1930, bem como a implementação da indústria, os projetos de urbanização e mudanças de ordem social, ideológica e econômica.

Nos quarto e quinto capítulos, serão feitas as análises de *Clarissa* e *Olhai os lírios do campo*, sob o viés escolhido, sendo estudados o enredo, as personagens, o espaço/ambiente, o narrador, o tema/assunto/mensagem e o discurso predominante.

Nas considerações finais, dedicaremos-nos a uma síntese dos elementos desenvolvidos ao longo do trabalho, bem como às conclusões decorrentes do nosso estudo.

A presente pesquisa tem como metodologia uma abordagem bibliográfica, visto que não faz uso de dados estatísticos. É de natureza

etnográfica, pois se baseia na observação e levantamento de hipóteses, apresentando uma descrição cultural, uma vez que é realizada uma análise literária.

1. O espaço e a cidade no romance

Ao nos debruçarmos sobre o espaço no romance, percebemos que não há tantos estudos teóricos sobre o assunto quanto no caso de outras esferas narrativas. E, comumente, quando são encontrados, eles tendem a abranger o espaço exterior à narrativa.

O espaço literário é visto como o meio social ou físico em que a ação ficcional ocorre e onde as personagens interatuam. Assim, a maioria dos estudos e das análises críticas apresentam o foco no tempo em detrimento do espaço, deixando uma lacuna na percepção desse aspecto dos textos literários.

No campo da Teoria da Literatura, tais variações de significados são atribuídas às numerosas correntes do pensamento, que originam diversas concepções sobre o real sentido do espaço . Abordaremos, no decorrer do nosso trabalho, alguns conceitos, a fim de conferir uma noção de quão amplo é o estudo do espaço no romance.

Gaston Bachelard se dedicou a Topoanálise em seu livro *A Poética do Espaço* (1989), retratando que as inserções de psicologia no espaço podem ser analisadas em ambientes como a casa. Segundo o teórico,

Com a imagem da casa, temos um verdadeiro princípio de integração psicológica. Psicologia descritiva, psicologia das profundidades, psicanálise e fenomenologia poderiam, com a casa, constituir esse corpo de doutrinas que designamos pelo nome de Topoanálise. (BACHELARD, 1989, p. 20)

Assim, a Topoanálise menciona os aspectos mais amplos da personagem, associando-os com o espaço por ela ocupado, de forma a estabelecer uma relação entre eles. Tal estudo abrange as disposições

geográficas e físicas do espaço e os princípios psicológicos dos que ocupam um dado espaço.

Podemos destacar, também, a obra de Osman Lins, *Lima Barreto e o espaço romanesco* (1976), que aborda a narrativa do espaço, considerando que o tempo e o espaço estão intimamente ligados. O narrador, as personagens, a ambientação, o tempo e o espaço são ferramentas fundamentais para a construção, a interpretação e a compreensão de um romance, como podemos perceber na citação a seguir:

A narrativa é um objeto compacto e inextrincável, todos os seus fios se enlaçam entre si e cada um reflete inúmeros outros. Pode-se, apesar de tudo, isolar artificialmente um de seus aspectos e estudá-lo – não, compreende-se, como se os demais aspectos inexistissem, mas projetando-o sobre eles: neste sentido, é viável aprofundar, numa obra literária, a compreensão do seu espaço e do seu tempo, ou, de um modo mais exato, do tratamento concedido, aí, ao espaço ou ao tempo: que função desempenham, qual sua importância e como os introduz o narrador. Note-se ainda que o estudo do tempo ou do espaço num romance, antes de mais nada, atém-se a esse universo romanesco e não ao mundo. (LINS, 1976, p. 63-64)

Ainda sobre *Lima Barreto e o espaço romanesco* (1976), Lins explana acerca da distância que há entre o espaço e a ambientação:

O estudo de uma determinada personagem será sempre incompleto se também não for investigada a sua caracterização. Isto é: os meios, os processos, a técnica empregada pelo ficcionista no sentido de dar existência à personagem. Pode-se dizer, a grosso modo, que a personagem existe no plano da história e a caracterização no plano do discurso. A personagem diz respeito ao objeto em si, a caracterização, à sua execução. Essa é a distância que existe entre espaço e ambientação. (LINS, 1976, p. 77)

A noção de espaço é compreendida por meio das nossas experiências de mundo. Quanto à narrativa, no caso, o narrador e a personagem, Lins dispõe de três categorias distintas de ambientação: a franca, na qual o narrador (nomeado ou não) observa o exterior e verbaliza-o; a ambientação reflexa, que é característica das narrativas na terceira pessoa, em que todas as coisas narradas são percebidas através da personagem; e a dissimulada ou oblíqua, que exige a personagem ativa, criando uma harmonização entre o espaço e a

ação: os “atos da personagem vão fazer surgir o que a cerca, como se o espaço nascesse dos seus próprios gestos.” (LINS, 1976, p. 83-84)

Lins ainda menciona que o espaço que caracteriza a narrativa é restrito , podendo ser um quarto , uma casa , um hotel e refletirá o modo de ser da personagem, de acordo com a disposição dos objetos no espaço.

Antônio Dimas, na obra *Espaço e Romance* (1987), argumenta que a abordagem do tema vai além dos estudos que apresentam apenas uma geografia literária, como podemos observar no fragmento abaixo:

Nesse tipo de geografia literária, o que está em pauta não é a visão de mundo transfigurada e remodelada pelo artista, capaz de dotar a realidade histórica de atributos outros que não o simplesmente exteriores, mas, antes, a insistência em localizar o modelo que funcionou como ponto de partida. Em certo sentido, quem se propõe uma geografia literária pouco acrescenta ao estudo da literatura, uma vez que incorre numa espécie de reducionismo realista paralelo ao do escritor. (DIMAS, 1987, p. 7)

Dimas dedica o segundo capítulo do livro à crítica de *Lima Barreto e o espaço romanesco*, para retomar e comentar as teorias de Osman Lins, como por exemplo, sobre a ambientação:

Por ambientação, entenderíamos o conjunto de processos conhecidos ou possíveis, destinados a provocar, na narrativa, a noção de um determinado ambiente. Para a aferição do espaço, levamos a nossa experiência do mundo; para ajuizar sobre a ambientação, onde transparecem os recursos expressivos do autor, impõe-se um certo conhecimento da arte narrativa. (DIMAS, 1987, p. 77)

No livro *Sujeito, Tempo e Espaço Ficcionalis - Introdução à Teoria da Literatura* (2001), dos escritores Luis Alberto Brandão Santos e Silvana Pessôa de Oliveira, discutem-se questões fundamentais sobre o texto literário, apresentando um caráter especulativo e abordando a teoria como um espaço de investigação, e não como conceitos predeterminados. Portanto, o espaço é uma das mais importantes categorias de análise, porque, por meio dele, a personagem, no romance, busca formar a sua identidade e descobre o seu lugar no mundo. Para os autores, dentro de uma narrativa, há o espaço físico,

histórico, social, psicológico e, por fim, tem-se o linguístico, como ratifica o trecho abaixo:

O espaço da personagem em nossa narrativa seria, desse modo, um quadro de posicionamentos relativos, um quadro de coordenadas que erigem a identidade do ser exatamente como identidade relacional: o ser é porque se relaciona, a personagem existe porque ocupa espaços na narrativa. Percebemos a individualidade de um ente à medida que o percebemos em contraste com aquilo que se diferencia dele, à medida que o localizamos. Só compreendemos que algo é ao descobrirmos onde, quando, como – ou seja: em relação a quê – esse algo está. (SANTOS E OLIVEIRA, 2001, p. 68)

Portanto, é o espaço que se imiscui na condução e no desenvolvimento da narrativa, indicando o modo de ser das personagens e influenciando o seu comportamento na narrativa.

2. Breve biografia do escritor Erico Verissimo

Erico Verissimo nasceu em Cruz Alta, em 1905, descendente de uma família que acabou perdendo a sua fortuna. Estudou no Colégio Cruzeiro do Sul, em Porto Alegre. Após alguns anos, voltou para a sua cidade natal e abriu uma farmácia, na qual trabalhou por um breve período. Mudou-se, em 1930, para a capital gaúcha, onde começou a trabalhar na Editora Globo, traduzindo livros do inglês para o português.

A carreira do escritor começou em 1932, quando decidiu publicar, por sugestões de amigos, os seus contos em sua obra intitulada *Fantoches*. Verissimo lançou o seu primeiro romance em 1933, tendo em vista uma Porto Alegre habitada por comerciantes e funcionários públicos. Foi nesse cenário que nasceu a obra *Clarissa*. Verissimo explica, no prefácio do livro, que, a fim de deixar marcado o bom momento em que se encontrava, escreveu a história de uma menina que amanhece para a vida:

Desejei saber compor música para traduzir em melodia aquele momento poético; ou então pintar, para prender numa tela as imagens daquele minuto milagroso. (...) Foi então que me veio a sugestão de escrever a história duma menina que amanhece

para a vida, pois talvez dessa forma que pudesse prolongar o sortilégio daquele momento. (VERISSIMO, 1974, p. 9-10)

Em 1934, publicou *Caminhos Cruzados*, no qual abordou aspectos da pobreza e da riqueza vivenciadas pelos gaúchos. Com a publicação do romance, ganhou o Prêmio Graça Aranha.

Olhai os lírios do campo foi publicado em 1938, atingindo boa repercussão tanto no Brasil quanto no exterior. Verissimo afirma, no prefácio do livro, que: “(...) só depois do aparecimento de *Olhai os lírios do campo* é que pude fazer profissão da literatura.” (VERISSIMO, 1966, p.17)

O escritor posteriormente lançou a obra *O Tempo e o Vento*, dividido em três romances: *O Continente* (1949), *O Retrato* (1951) e *O Arquipélago* (1961), abrangendo duzentos anos da história rio-grandense e constituindo-se numa espécie de epopeia do Rio Grande do Sul, de enorme importância para o estudo da cultura brasileira.

Em 1954, o autor ganhou o Prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras. Em 1969, a casa onde nasceu foi transformada em um Museu. Faleceu em Porto Alegre, no dia 28 de novembro de 1975, devido a um infarto.

3. A cidade de Porto Alegre na obra de Erico Verissimo

Erico Verissimo aborda, nas obras *Clarissa* (1933) e *Olhai os lírios do campo* (1938), os problemas enfrentados pela classe média urbana no Rio Grande do Sul, confrontada com a vida na cidade grande, cenário de constantes modificações. Na década de 1930, inúmeras cidades do Brasil estavam passando pelo processo de modernização, com a implementação da indústria e de projetos de urbanização, ou seja, houve, no espaço citadino brasileiro, mudanças de ordem social, ideológica e econômica, que visavam a privilegiar os signos da modernidade e da economia industrial.

Verissimo utiliza a cidade e a ocupação de seus espaços como suporte para o enredo na maior parte de suas narrativas. Percebemos tal característica em seus primeiros romances, cujas histórias sucedem-se na capital Porto

Alegre. É notável o costume do escritor de traçar um mapa por onde as personagens devem transitar, característica que mostra a importância da cidade na composição narrativa, não apenas como arquitetura urbanística onde se encontram a praça, a igreja, o clube, os casarões e as casas da periferia, mas, também, como o centro dos dramas da população. Cláudio Cruz, em *Literatura e Cidade Moderna* (1994), explica que

Erico Verissimo, alguns anos mais tarde, endossa a opinião do historiador da literatura sul-rio-grandense, contrariando uma corrente que começava a se generalizar entre alguns críticos de que seria o próprio Erico o introdutor da ficção urbana em nosso meio. Tais críticos apontavam, em geral, a novela *Clarissa*, de 1933, por ter como cenário a cidade de Porto Alegre, como o momento em que a representação urbana se inicia. (CRUZ, 1994, p. 20)

As cidades imaginadas de Verissimo são vistas como os microcosmos de uma extensão maior. Percebemos que elas se encontram situadas em um determinado espaço regional, ocupando a posição de centro em algum contexto ficcional, contudo, apenas torna-se possível essa representação, pois as cidades foram, de fato, vividas. Portanto, os problemas sociais são retirados de uma realidade histórica, enquanto os seus nomes são resultados advindos da imaginação do escritor, como cita Bourneuf e Ouellet, em *O universo no romance* (1976):

O romance participa da exploração da nossa vida psíquica profunda. Ele dá testemunho de lutas individuais e coletivas. Contra o sofrimento, a fatalidade econômica, a servidão política, a morte, ele proclama a dignidade, o direito à vida e à liberdade do espírito: o romance do nosso tempo tem, com frequência, vocação metafísica (BOURNEUF e OUELLET, 1976, p. 8)

Nas obras *Clarissa* (1933) e *Olhai os lírios do campo* (1938), Erico Verissimo mostra que os processos da modernidade podem afetar os costumes tradicionais e que a representação de uma tribulação de ordem pessoal, familiar ou um questionamento do ambiente podem significar uma crise social mais ampla, que não se restringe ao local. Nota-se que a sensação de mal-estar presente nas personagens nas obras supramencionadas está

diretamente ligada ao “mal-estar” recorrente na modernidade. No livro *Sujeito, Tempo e Espaço Ficcionalis* (2001), Oliveira e Santos dizem que

Não por acaso, a cidade, feixe de relações, é o lugar onde algo começa a desmoronar. No cenário urbano, o sujeito se dissemina em inúmeros papéis. A cidade se apresenta como um tabuleiro de xadrez em que identificações e movimentos emergentes se cruzam. (SANTOS E OLIVEIRA, 2001, p. 88)

Percebemos que a apresentação da cidade objetiva enfatizar as pessoas e não a paisagem. Os pontos de focalização dos elementos urbanos são filtrados pelas atitudes emocionais das personagens que os veem, mas, na verdade, não os olham, visto que eles estão mais preocupados com o que lhes sucede do que com a natureza em si ou com a arquitetura. Porto Alegre aparece em rápidas vistas como espaço físico. Há mais a notação da gradação do céu e do lago do que descrições concretas de lugares. Em momentos de descrição, predominam os interiores, os escritórios, as salas comerciais, as repartições públicas, os consultórios, os quartos de dormir, as salas de refeição, os salões de festas, os luxuosos apartamentos e os quartos de aluguel. Dominam as ações que ali transcorrem e os sentimentos, apreendidos por flashes instantâneos que fornecem à cidade o seu rosto humano, um rosto feito de muitos rostos, alguns mais salientes, outros mais anônimos.

A obra *Clarissa* (1933) apresenta um enredo guiado pela personagem que dá título ao livro, mostrando as expectativas da moça no período em que completa a sua educação em Porto Alegre. A visão de mundo da personagem é ingênua; os acontecimentos principais são observados sob o olhar da jovem e o narrador pode se valer de um estilo moderno e ágil, utilizando o verbo no presente do indicativo, em vez de usar o pretérito perfeito, recurso característico dos contadores de histórias. Clarissa representa a fuga para algo fresco e juvenil, que ainda não sofreu alterações feitas pelo mundo moderno e adulto. Assim, o processo de modernização é representado e traduzido através da capital gaúcha, visto que é onde se passa a ação. Sandra Jatahy Pesavento descreve isso, no livro *Memória Porto Alegre* (1994), no capítulo dedicado ao período 1924-1945, denominado *Renovação: a busca de uma modernidade urbana*, como nos mostra o trecho abaixo:

Chega-se assim, ao período da renovação e da busca de uma modernidade urbana para a cidade de Porto Alegre, que vem associada a profundas modificações na estrutura econômico-produtiva do país e às transformações político-institucionais que se refletem na forma como os agentes urbanos e os “notáveis” da comunidade local projetam esses novos momentos para a cidade. (PESAVENTO, 1994, p. 70-71)

A cidade de Porto Alegre é apresentada pelo ponto de vista da vida moderna, caracterizada pelas inovações tecnológicas - um avião aparece na primeira página do livro (a aviação comercial brasileira foi inaugurada em 1927) -, e pela movimentação urbana. A pensão da tia de Clarissa hospeda diversos tipos de pessoas, de diferentes classes sociais e etnias, representando o mundo moderno em frequente ebulição.

Na obra *Olhai os lírios do campo* (1938), Erico Verissimo faz um desenho mais detalhado da vida na capital, abrangendo, na primeira parte do livro, temas como: a ambição por uma melhor posição social; o complexo de inferioridade diante de personagens de status social elevado; a situação precária da saúde urbana; a medicina social; a redenção pela dedicação aos outros e o amor indiferente, representado pela trajetória de Eugênio e Olívia, que formam um par distanciado um do outro, devido às suas opções de vida e pela morte de Olívia.

Na segunda parte do livro, a perda da amada distante traz mudanças significativas para a vida de Eugênio. Arrasado, ele revê as suas opções e transforma-se naquilo que a companheira sempre desejou: um médico que preza pelo próximo e um pai dedicado, capaz de enxergar, com otimismo, as dificuldades advindas da desigualdade social. O símbolo de todos esses dilemas é Eugênio, que, num primeiro momento, se esforça para se adaptar àquela sociedade idealizada, moderna, culta e rica, para, posteriormente, lutar contra todas as implicações e injustiças que esta busca proporcionar.

O escritor apresenta os personagens de forma caricata nesse romance: com Eunice, representando o estereótipo de moça rica e literata; seu pai, Vicente Cintra, dono de diversos negócios importantes e de uma fábrica, incorporando o capitalista que apenas se preocupa com o lucro; Lobo, representando a modernidade, e o seu edifício, o “Megatério”, simbolizando a

urbanização em Porto Alegre; sua mulher, Isabel, como a mulher fútil que tem medo de envelhecer; e Acélio Castanho, como a erudição vazia, que preza as formas clássicas e a filosofia grega.

Verissimo retrata um cenário de acontecimentos na cidade de Porto Alegre na década de 1930, mostrando como a sociedade lidava com os signos da modernidade na época. Dentre eles, são identificadas as novas construções edificadas em cima dos velhos casarões coloniais, os problemas em relação à carência de saúde e de educação, e as necessidades de consumo como forma de pertencimento a um determinado status social.

O autor também faz uma forte crítica à burguesia da época que buscava o lucro a qualquer custo, resultando nas péssimas condições de trabalho dos operários, como nos mostra o fragmento a seguir, no qual ocorre um acidente de trabalho na fábrica do Senhor Cintra, genro de Eugênio, local em que o personagem trabalha assinando papéis:

Sua voz, que tinha uma qualidade metálica, soou acima do surdo matraquear das máquinas. Eugênio olhou na direção em que o outro lançara o grito. E viu, horrorizado, que a polia grande de uma das máquinas naquele instante apanhava o corpo de um operário. Ouviu-se um grito agudo. O corpo rodopiou enrolado na polia e depois, como um boneco de pano, foi lançado ao ar, caindo longe no meio de outras máquinas. Houve um momento de atarantamento. De todos os lados partiam exclamações. O alemão precipitou-se para a tábua dos comutadores e puxou a chave geral. As máquinas pararam. O silêncio que se seguiu gelou o sangue de Eugênio. Os homens correram numa só direção. Trouxeram depois um corpo ensanguentado e puseram-no aos pés de Eugênio, como se – Deus cruel – ele tivesse pedido aquele sacrifício. (VERISSIMO, 1978, p. 156-157)

A modernização dos veículos, o uso de bondes advindos da eletricidade e a popularização do cinema também são fortes indícios do processo de modernização na capital gaúcha, como cita Cláudio Cruz, em *Literatura e cidade moderna* (1994):

[...] o cinema enquanto fantasmagoria é algo bastante presente nesta novela, tanto quanto na vida das pessoas de então. Ele cumpria aproximadamente a função que a televisão ocupa hoje. Chama a atenção o destaque que o cinema adquiriu na década de 1930 enquanto uma das expressões maiores da vida moderna. Os jornais diários estão tomados pelos filmes do momento, estampando em grandes anúncios, muitas vezes de

página inteira, os astros cultuados pelo público. A máquina de sonhos hollywoodiana tomava o mundo de assalto. (CRUZ, 1994, p. 4)

A vida dos moradores da periferia é mencionada no decorrer da obra, quando Eugênio sai para atender os pacientes pobres em seus domicílios. Os cenários são decadentes e denotam a insalubridade pelas descrições de odores, consistências, aparências, pela presença de ratos e insetos, enfim, ambientes que são o oposto de “frescos e iluminados” ou “varridos pelo sol”, como nas residentes da alta burguesia na capital. Percebemos a situação da população menos favorecida no trecho a seguir:

[...] descrevia os seus habitantes como um bando de gorilas que vegetavam no lodo, mal alimentados, mal vestidos, sem higiene, sem alegria, sem nada. Deus podia existir? Claro que não. Sendo, como se dizia, a Suma Bondade, não devia permitir a existência daquela miséria, daquela sordidez, daquela sub-humanidade. As criaturas das zonas pobres eram animais e não homens. (VERISSIMO, 1978, p. 52)

São casas insalubres e precárias, que não protegem os seus moradores do severo inverno sulista, localizadas nos bairros mais afastados da cidade, apontando uma das características dos planos de urbanização de Porto Alegre, focados em afastar as populações mais humildes e transferi-las para os locais carentes de infraestrutura. Isso enquanto o centro da capital passa pelo processo de modernização, como nos mostra o fragmento abaixo, em que Cláudio Cruz fala sobre como a cidade de Porto Alegre caminha para ser uma metrópole moderna:

[...] em torno de 1927/1928, quando Alberto Bins assume a Prefeitura da cidade e Getúlio Vargas o Governo do Estado, até 1934/1935, a cidade de Porto Alegre, centro mais importante do sul do país, vai sofrer as mudanças típicas que colocam uma cidade pequena no caminho de tornar-se uma metrópole moderna. (CRUZ, 1994, p. 20)

Dessa forma, é notável que a modernidade e os seus sistemas são capazes de alterar a realidade na qual os indivíduos estão inseridos. Tais

transformações modificam a forma de sentir e perceber a Porto Alegre da época.

4. A obra *Clarissa* (1933)

Verissimo, em *Clarissa* (1933), faz seu primeiro ensaio de apresentação da vida na cidade grande, descrevendo o processo de modernização da capital e as suas consequências na vida da população, retratando a forma como os personagens se relacionam diante de tais mudanças. Um dos temas que Verissimo abrange nesse romance é o campo *versus* cidade, visto que a jovem sai do campo e muda-se para a capital gaúcha, a fim de obter melhores resultados nos estudos.

Clarissa, aos treze anos, sai do interior de Jacarecanga para estudar em Porto Alegre e morar na pensão da tia Eufrasina e do tio Couto. Na pensão, é notável que a face multicultural da vida urbana está distribuída nos diversos quartos, com seus habitantes das mais distintas condições culturais. O romance mostra, por meio do olhar da jovem, o cotidiano em que ela vive e como ela enxerga as pessoas que por ali moram. Percebemos que a menina é otimista e se deslumbra com as experiências vivenciadas na cidade grande.

A obra faz um retrato do Brasil na década de 1930, revelando as mudanças que ocorriam naquela época, tendo como modelo as cidades de Paris e de Londres, símbolos da expansão capitalista, *as duas capitais do século XIX*, parafraseando Benjamin (CRUZ, 1994, p. 17).

Para Baudelaire, a partir da arte é que se conceitua a modernidade: “A modernidade é o transitório, o fugitivo, o contingente, a metade da arte, e a outra metade é o eterno e o imutável” (BAUDELAIRE, 2006, p. 21). Baudelaire vivia em uma época em que ocorriam mudanças na estrutura da sociedade ocidental, como o surgimento de uma nova vida urbana, capitalista e burguesa.

A cidade de Paris, onde o poeta viveu, sofreu essas transformações devido à construção de mercados, teatros, grandes avenidas etc. Com isso, a população transitava, cada vez mais, nas ruas movimentadas da cidade. Nessa paisagem, podíamos perceber que inúmeras classes sociais se defrontavam no mesmo local, desde um aristocrata a um reles da sociedade.

Assim, diante dessa nova experiência advinda da sociedade moderna e do turbilhão de novas mudanças que ocorriam na época, o poeta Baudelaire refletia e trabalhava essas transformações, expondo-as em inúmeros de seus ensaios e textos poéticos.

Sandra Jatahy Pesavento estabelece o período de 1924-1945 como sendo o de uma “busca da modernidade urbana”. Carlos Cruz, em *Literatura e Cidade Moderna* (1994), complementa a afirmação de Pesavento, como podemos perceber no fragmento a seguir:

É o período, basicamente, dos três prefeitos que alcançaram Porto Alegre, de uma acanhada capital provinciana, à posição de uma moderna metrópole regional. Mas não há dúvida de que, apesar das bases desta modernidade urbana terem sido obra da gestão Otávio Rocha (1924-1928), foi com Alberto Lins (1928-1937) que ela iria se efetivar de maneira mais intensa, ficando para o governo Loureiro da Silva (1937-1943), no chamado período da verticalização de Porto Alegre, a conclusão desta fase de modernização urbana. (CRUZ, 1994, p. 22)

Na pensão, Clarissa conhece Barata e a sua esposa Ondina; Tonico, um menino que possui deficiência física, e a sua mãe Dona Tatá; Levinsky, um judeu comunista; e o músico Amaro, um jovem apaixonado por Clarissa. Esse último é uma personagem peculiar na obra, que exerce a profissão de bancário e sonha em ser pianista, além de possuir uma paixão secreta por Clarissa. Ele é a representação de quem é derrotado pelo capitalismo, não conseguindo realizar os seus sonhos.

No romance de Verissimo, percebemos os turbilhões social e psicológico pelos quais passam as personagens na pensão tumultuada de Dona Eufrasina, como nos mostra o devaneio de Amaro, um dos personagens enigmáticos na obra, no seguinte trecho:

Um dia há de escrever a rapsódia da pensão de D. Eufrasina: uma música colorida e viva em que aparecerão os gritos do papagaio, as cantigas do Nestor e de D. Ondina, as risadas do major, as anedotas do Barata, a voz dolorosa do menino doente – a adolescência luminosa de Clarissa. (VERISSIMO, 1974, p. 19)

A personagem principal se torna amiga de Tonico, um menino deficiente que tem apenas a mãe, uma pessoa simples que precisa trabalhar como costureira para sustentar o filho. O menino perdeu as pernas devido a um acidente com um bonde, uma das consequências do processo de modernização na cidade, como mostra o pensamento de Clarissa, no fragmento abaixo:

[...] Meu Deus, como é que o Senhor permite que D. Tatá se mate todo o dia e toda a noite em cima da máquina de coser? Meu Deus, por que o senhor deixou que um bonde estragasse a perna do Tonico? Por quê? (VERISSIMO, 1974, p. 40)

A jovem tem contato com o Dr. Maia, médico que cuidou dos últimos momentos de vida de Tonico e mora na casa rica ao lado da pensão. Quando o menino morre, ela passa a fantasiar um romance com ele.

No decorrer da obra, percebemos que a menina relata, com inocência, o os acontecimentos a sua volta, sendo a descoberta da traição de Dona Ondina, casada com Barata, um caixeiro viajante, com Nestor, um solteirão, uma grande revelação na narrativa.

Verissimo nos apresenta uma sociedade capitalista que se mostrava cada vez mais abnegada de condutas morais que, em anos atrás, se faziam valer, visto que os bens materiais tendem a ter mais valor em relação às escolhas e às decisões. Assim, a honestidade, a solidariedade e outros sentimentos de causa nobre perdem o seu valor. Quando tais sentimentos deixam de ser a direção orientadora do conviver, a sociedade se encaminha para o comportamento do lucro fácil, do interesse, da desonestidade, da esperteza e da traição. Portanto, inicia-se o conflito dos valores fundamentais que já não mais reconhecidos como as bases para o relacionamento humano. O romance revela não só a realidade de uma pensão pequeno-burguesa, mas também a situação do Brasil e do mundo na década de 1930.

Em *Clarissa*, o mundo é mostrado pelo olhar da menina, que se deslumbra com os acontecimentos e novidades do dia a dia na capital. O escritor também expõe uma sociedade que exigia certos comportamentos por parte da mulher, exemplificados pela restrição da tia de Clarissa em relação à leitura de romances, pois D. Eufrasina acreditava que a menina se tornaria

namoradeira, dispersa, desatenta. Entretanto, Clarissa se mostra livre e alegre, exceto quando se tratava de ir à escola, como observamos no seguinte fragmento:

Vem do corredor um rumor de passos. Um romance. Tem de ler às escondidas. A titia não gosta de livros que não sejam os do colégio. Diz que os romances prejudicam a cabeça duma menina que estuda. (VERISSIMO, 1974, p. 100)

A narrativa se revela por meio da multidão, de pessoas anônimas, de sons e cores que se misturam. Em uma das cenas da narrativa, a garota caminha com a sua tia, Dona Zina, pelo centro da cidade:

D. Zina pega de novo do braço da sobrinha. O movimento da rua cresce. Autos buzina. Os guardas-civis, com gestos dirigem o tráfego. Moleques apregoam os diários. Clarissa acha graça nos vendedores de jornais. Têm uma voz grossa, rouca, disforme, parecem todos papudos, pescoços descomunais, de veias dilatadas. E como pronunciam o nome dos jornais que vendem! Dizem as palavras pela metade. Gritam: rrê – dia – amanhã! Ou: Corrê-m'nhã! (VERISSIMO, 1974, p. 125)

Podemos perceber que a cena contém elementos cinematográficos, composta por recortes da realidade da cidade de Porto Alegre, que, montados, nos revelam um sentido. A ficção moderna mostra-se a serviço da exposição do mundo urbano, com todas as suas imperfeições, retratando a percepção de Clarissa, que se identifica e se deslumbra com o cenário que entra por seus olhos e ouvidos.

Nota-se que personagens na obra recebem a mudança de forma positiva e fazem uso das novas tecnologias, juntando-se e fazendo parte do burburinho da cidade que se apresenta em constante transformação. Outros, como o poeta Amaro, tentam fugir de tais transições e buscam se isolar do processo esmagador da modernidade e do capitalismo. Dessa forma, surge Clarissa, que une o antigo ao novo (moderno), apreciando o que a modernidade tem a oferecer.

5. A obra *Olhai os lírios do campo* (1938)

A ambientação urbana na narrativa nos mostra os efeitos de um capitalismo aniquilador sobre a vida dos personagens, em especial a de Eugênio. Em *Olhai os lírios do campo* são perceptíveis o modo como a vida na cidade de Porto Alegre é contemplada sob o ponto de vista das relações amorosas e profissionais, influenciadas pelo contraste da sociedade de classes sob o regime capitalista, como cita Cláudio Cruz, em *Literatura e Cidade Moderna* (1994):

É na década de 30, e não apenas no Rio e São Paulo, mas em várias daquelas capitais regionais, que a *cidade moderna* passa a ser representada em ampla escala no romance brasileiro, acompanhando o processo de instalação, no país, de uma sociedade eminentemente urbano-industrial. (CRUZ, 1994, p. 19)

Para Charles Baudelaire, a metrópole da modernidade é vista como um lugar em que estão presentes o fascínio e a melancolia. O primeiro existe ao se ofertar desejos nunca antes imaginados, como a sensação única de estar no meio da multidão de pessoas ou a de caminhar entre elas como um *flâneur* anônimo pelas ruas, andando sem nenhum intuito na paisagem da cidade, na solidão da multidão. A segunda vem da sensação oriunda do moderno conjuntamente com o medo, o mal-estar e a profunda angústia proveniente da tensão que há entre o progresso e a decadência, como ratifica Baudelaire, na citação a seguir:

Perdido neste mundo vil, acotovelado pelas multidões, sou como o homem fatigado cujos olhos não vêem no passado, na profundidade dos anos nada além do desengano e da amargura, e, à sua frente, senão a tempestade, onde não está contido nada de novo, nem ensinamentos nem dores (BAUDELAIRE, 1931/1932, p. 641).

Assim, tal experiência moderna possui caráter notadamente urbano, visto que a cidade é o personagem principal, apresentando os seus pontos atrativos e os seus horrores. Portanto, a população, a rua e o mergulho por essa multidão presente na cidade moderna são uma fonte de inspiração e

paisagem, bem como uma condição necessária para a relação com o viver da modernidade.

Em *Olhai os lírios do campo*, temos a trajetória existencial de Eugênio Fontes, personagem principal, conjuntamente com seus contatos sociais e lutas interiores. Assim, o romance foca-se em seus conflitos e dificuldades e percebemos um Eugênio que transita entre o passado, o presente e o futuro, recordando lembranças e vivendo novas experiências.

A obra apresenta um título poético, de modo a remeter o trecho da Bíblia mencionado abaixo, que pode ser visto como um resumo para a história de um ser humano materialista que comprometeu o presente devido ao medo do futuro:

Olhai como crescem os lírios do campo: não trabalham nem fiam! Pois Eu vos digo: Nem Salomão, em toda a sua magnificência, se vestiu como qualquer deles. Ora, se Deus veste assim a erva do campo, que hoje existe e amanhã será lançada ao fogo, como não fará muito mais por vós, homens de pouca fé? Não vos preocupeis, dizendo: 'Que comeremos, que beberemos, ou que vestiremos?' (A BÍBLIA, Mateus 6: 24-34)

Na primeira parte do romance, nota-se a imagem inicial que Eugênio faz de si e dos valores que a formam. No início da narrativa, nos deparamos com o personagem principal dentro de um automóvel, deslocando-se, com certa urgência, em direção ao hospital, na esperança de encontrar a sua amada Olívia ainda com vida. Nesse momento, o protagonista relembra dos fatos que remetem ao seu passado: a sua infância, os seus aprendizados com Olívia, os seus traumas, o casamento de conveniência com Eunice e a frustração de sentir-se interiormente vazio por ter se vendido para conseguir crescer socialmente na vida.

No decorrer da obra, Eugênio é apontado como sendo um menino humilde e tímido, com uma infância pobre. Sofria inúmeras intimidações na escola e tinha como foco principal a ascensão social, visto que faria de tudo para um dia vencer na vida. Ele almejava deixar de ser simplesmente o "Genoca" para ser o "Dr. Eugênio Fontes": "Pela primeira vez Eugênio pensou em fazer-se homem, estudar, ficar doutor e ganhar dinheiro, para livrar a família daquela vergonha, daquela miséria." (VERISSIMO, 1978, p. 24) Assim,

observamos que a capital gaúcha já possuía bolsões de miséria, mesmo estando no início do processo de modernização, o que se tornaria uma das características presentes nas cidades grandes.

Após alguns anos, com muitas dificuldades, Eugênio consegue entrar para o curso de Medicina, porém, não cobiçava ser médico da população que possuía baixa renda. Ele apreciava a fama e o luxo, buscava fugir da miséria e da pobreza, legados da sua família de vida simples e modesta: “Odiava a pobreza. Odiava a humildade. Aborrecia a sua vida.” (VERISSIMO, 1978, p. 62) Na faculdade vem a conhecer Olívia, o único indivíduo de sexo feminino da turma. Na festa de formatura, os dois se aproximam e fazem confissões juntos sobre os sonhos acerca do futuro. Nesse momento, tornam-se grandes amigos.

No decorrer da Revolução de 1930 - movimento no qual ocorreu a exoneração do Presidente Washington Luís e a ascensão de Getúlio Vargas ao governo do país, acarretando em uma série de mudanças na capital porto-alegrense e no Brasil -, depois de uma operação no hospital militar que acabou sendo mal sucedida, Olívia convida Eugênio para ir à sua casa e passam a ser amantes. A partir desse marco na narrativa, percebemos o desenrolar do romance entre as personagens, tendo, como um dos principais cenários, o centro de Porto Alegre. Está presente aqui o processo de modernização que ocorria na capital na década de 1930, com a abertura de lojas, oficinas, escritórios, bondes movidos a eletricidade e ônibus, como podemos perceber em um trecho em que Eugênio e Clarissa saem a passar pela cidade:

Começaram a andar de braços dados. Caíra um aguaceiro havia poucos minutos. O ar estava fresco e no céu limpo o brilho das estrelas tinha uma pureza líquida. Era a hora em que se fechavam lojas, oficinas e escritórios. Homens e mulheres caminhavam apressados pela rua, precipitavam-se para os bondes e ônibus. Acima da cabeça das criaturas, brilhavam os anúncios luminosos. (VERISSIMO, 1978, p. 101)

Transcorridos alguns dias, Olívia é convidada a desempenhar a sua profissão em Nova Itália, deixando Porto Alegre para trás, a fim de passar um breve período de tempo longe da capital.

Durante um atendimento médico, em que uma empregada havia se cortado durante o serviço na residência dos Cintra, Eugênio conhece Eunice,

filha de um rico proprietário. Nota-se que o escritor utiliza pessoas negras para personificar a profissão de empregado na narrativa, a fim de remeter a elementos do regime escravocrata ainda presentes na época. Os vestígios de preconceito racial que os negros sofrem na obra são o resultado de uma capital que se fez por meio da normalização da discriminação para com essas pessoas. Decorrido algum tempo, o protagonista casa-se com Eunice com um único objetivo: o de ascender socialmente e fugir da pobreza, o que fica claro no trecho a seguir:

Ele vira nela a sua carreira, a oportunidade de fugir da luta sem glória, dos subúrbios e do anonimato. Não se conformava com a idéia de ser médico de gente pobre. Queria ter consultório num bom edifício do centro, automóvel, muitos livros... Amava o conforto, buscava a paz, ansiava por se libertar da pobreza que assombrava a vida de toda a sua família. No fim de contas, casando com Eunice, não fizera nenhum sacrifício. (VERISSIMO, 1978, p. 49-50)

Depois do casamento, o Sr. Cintra, pai de Eunice, arranja um emprego para Eugênio em uma de suas fábricas. Aqui, nota-se que Verissimo faz uma forte crítica ao ambiente de trabalho perigoso e precário, visto que eram comuns tanto a carga horária exploradora quanto a ausência de segurança, como podemos perceber no fragmento abaixo, quando o protagonista se depara com a morte de um dos operários:

Não havia mais nada a fazer. O crânio do operário estava todo esfacelado, seu rosto absolutamente irreconhecível. O corpo perdera quase a forma humana. No chão, ao redor do cadáver, se formava uma poça de sangue. O pavor estrangulava aqueles homens, reduzindo-os ao silêncio. Os olhos do chefe das máquinas se conservavam frios e seu rosto era uma máscara inumana de pedra. [...] Eugênio tomou-a nas mãos trêmulas. O homem chamava-se Toríbio Nogueira. 37 anos. Casado. Cinco filhos. Diária: 10\$000. Num dos cantos da ficha havia um retrato: rosto magro, olhos tristes. (VERISSIMO, 1978, p. 157)

No desenrolar da história, notamos que o médico passa a aparecer nos mesmos locais frequentados pela burguesia, porém, ele não se sentia parte dela. O seu sentimento de inferioridade aumenta quando se depara com os contrastes desse outro mundo. Observa-se que Eugênio sofre as consequências do sistema capitalista opressor à época, segundo o qual o

dinheiro possuía significância infindável. O personagem passa a conhecer pessoas como Filipe Lobo, um indivíduo que não se importa com a família; um engenheiro obstinado a construir o "Megatério", um arranha-céu, e mais tarde, a vila balneária mais moderna e luxuosa da América Latina, como nos mostra o trecho a seguir:

[...] Filipe Lobo contava seus novos planos. A firma de que era a figura principal adquirira vastos terrenos à beira do Guaíba, onde pretendia construir, em breve, a vila balneária mais moderna e luxuosa da América Latina. Teria ela um grande e original cassino em estilo manuelino espanhol, numa área de... Seguiam-se dados, cifras, pormenores. (VERISSIMO, 1978, p. 318)

Porém, aos poucos, Eugênio percebe que a união com Eunice foi uma atitude precipitada, um grande equívoco, visto que constantemente sente-se deslocado e humilhado nesse meio social em que o dinheiro possui valor absoluto. Diante de tais fatos, deprimido e transtornado, ele reencontra Olívia, ocasião em que conhece a sua filha, Anamaria, fruto do encontro dos dois antes da viagem de Olívia. Ao chegar ao hospital em que ela se encontrava, Eugênio é informado de sua morte.

Na segunda parte do romance, ocorre uma gradativa mudança de valores e ideias de Eugênio. Aqui, observamos o passado. Tal momento sucede-se de forma mais linear e o tempo passado se mescla ao tempo presente com a filha do casal, Anamaria. Esse período transcorre posteriormente ao falecimento de Olívia, sendo intercalado com a leitura das cartas que ela deixou a Eugênio, sem nunca as ter enviado, como mostra o fragmento a seguir, em que Olívia critica a ganância do ser humano, tão presente na sociedade moderna na época:

De que serve construir arranha-céus se não há mais almas humanas para morar neles? (...) E, quando o amor ao dinheiro, ao sucesso nos estiver deixando cegos, saibamos fazer pausas para olhar os lírios do campo e as aves do céu. (VERISSIMO, 1978, p. 175)

No transcorrer da narrativa, Eugênio pede o divórcio e separa-se de Eunice. Com o novo estilo de vida, inicia-se na carreira de médico popular, a

fim de socializar a medicina. Passa a ser uma pessoa boa, solidária e humanitária, almejando auxiliar aos mais necessitados.

Assim, percebemos que o romance apresenta diversos planos temporais, manifestando uma crítica à sociedade frívola e superficial, decorrente da hipocrisia das relações sociais e do acúmulo inescrupuloso de riquezas, exemplificado pelo Megatério, como cita Renato Cordeiro Gomes, na obra *Todas as cidades, a cidade* (1994):

Neste compósito intrincado de feixe icônico, a permanência da cidade tradicional vem anunciada pela presença de edifícios de caráter representativo, de fortes conotações simbólicas e ideológicas e apoiadas no prestígio cultural dos códigos clássicos. A seu lado, justaposto, o tema arranha-céus, que, na sua eloquência, indicam os novos repertórios visuais da metrópole moderna transformada pelo capitalismo. (GOMES, 1994, p. 27)

No romance, o escritor nos mostra um edifício construído em cima de prédios tradicionais, a fim de representar, portanto, a simbologia da passagem do tradicional para o moderno, juntamente com a ascensão do capitalismo, da indústria e o esmagamento dos mais frágeis.

Olívia pode ser vista como aquela que traz uma mensagem de esperança e otimismo, o que Eugênio compreenderá apenas no final da narrativa, quando percebe que são necessárias atitudes nobres, a fim de oferecer melhores condições de vida aos mais necessitados:

Era preciso pensar nos outros e fazer alguma coisa em favor deles... Por que não começar algum trabalho em benefício das crianças abandonadas? Dar-lhes alimentação adequada, boas roupas, higiene, instrução, assistência médica e dentária, colônias de férias, oportunidades de se divertirem, de serem alegres... (VERISSIMO, 1978, p. 321)

Em *Olhai os lírios do campo*, a burguesia é mostrada em oposição ao mundo da miséria urbana, da desigualdade das classes sociais e da desumanização do homem na busca pela sobrevivência, retratando a realidade

da sociedade na década de 1930, como aponta Cláudio Cruz, em *Literatura e Cidade Moderna* (1994):

[...] Outro aspecto a destacar, relativamente nos recursos narrativos utilizados, é a construção do quadro por acumulação de imagens que sobrepõem umas às outras ao longo do romance, formando, ao final da leitura, quase que sem o leitor perceber, um mural vivo e pulsante de um pedaço de realidade. (CRUZ, 1994, p. 71)

Portanto, a presente obra pode ser incluída no chamado “Ciclo de Porto Alegre”, ocorrido entre os anos de 1936 e 1946. Nele, vimos que algumas personagens não possuem poder, voz ou status social, porém, compõem a multidão anônima da capital gaúcha, buscando encontrar a própria identidade. Assim, elas, ao entrarem no discurso da narrativa, têm o importante papel de revelar a realidade.

Considerações finais

Nas obras *Clarissa* e *Olhai os lírios do campo*, percebemos que as transformações ocorridas na primeira metade do século XX provocam grandes mudanças na capital gaúcha e na vida das pessoas, o que é retratado por meio das personagens Clarissa e Eugênio.

O desenvolvimento social e econômico, os avanços nos sistemas de comunicações e transportes, a construção de fábricas, o melhor deslocamento entre as cidades devido à construção de ruas pavimentadas, entre outros feitos que levam à urbanização da região, trazem novos desafios para a população gaúcha, visto que as pessoas são lançadas ao “turbilhão” das novas mudanças. A partir dessa situação, surgem os inúmeros dramas pessoais e as dificuldades de uma nova era, ou seja, a luta do gaúcho pela adaptação ao novo modelo de desenvolvimento e pelo acompanhamento do crescimento acelerado na cidade.

Os romances aqui abordados revelam preocupação com o proletariado e com a pequena burguesia da capital. Em seus projetos ficcionais, os dramas e

as crises ocorridas em uma época expandem-se por distintas regiões, influenciando a população de diferentes origens. O autor também procura expor as mudanças da sociedade em diferentes perspectivas e ângulos, revelando as consequências e as causas do processo de modernização.

Nas narrativas, percebemos a capacidade que Verissimo possui ao criar personagens verossímeis – semelhante à vida, à realidade –, de forma a revelar, ao leitor, o lado social presente em cada um deles.

Portanto, nota-se que as duas obras analisadas nos mostram o mal-estar vivido pelas personagens decorrente da Revolução Industrial e do processo de modernização da época. Erico Verissimo, por meio de sua aptidão de investigação e de observação da sociedade, traz essa questão aplicada em personagens porto-alegrenses pertencentes às classes baixas e médias, apontando para uma burguesia que se mostra em contestação à miséria, à desigualdade social e à desumanização do homem na busca pela sobrevivência.

Referências

A BÍBLIA SAGRADA, contendo o Velho e Novo Testamento. Traduzido em Português por João Ferreira de Almeida. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BAUDELAIRE, Charles. **O Pintor da Vida Moderna**. 4a ed. Lisboa, Nova Veja: 2006.

_____. Oeuvres, 2 volumes, Paris, **Bibliothèque de La Pléiade**, 1931/1932.

BOURNEUF, Roland; OUELLET, Réal. **O universo do romance**. Coimbra: Livraria Almedina, 1976.

CRUZ, Cláudio. **Literatura e cidade moderna**. Porto Alegre: EDIPUCRS: IEL, 1994.

DIMAS, Antônio. **Espaço e romance**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1987.

GOMES, Renato Cordeiro. **Todas as cidades, a cidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LINS, Osman. **Lima Barreto e o espaço romanesco**. São Paulo: Ática, 1976.

PESAVENTO, Sandra Jatahy (coord.). **Memória Porto Alegre: espaços e vivências**. Porto Alegre: UFRGS: Prefeitura Municipal, 1991.

SANTOS, Luis Alberto Brandão e OLIVEIRA, Silvana Pessoa de. **Sujeito, tempo e espaço ficcionais: introdução à teoria da literatura**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VERISSIMO, Erico. **Clarissa**. Porto Alegre: Globo, 1974.

_____. **Olhai os lírios do campo**. Porto Alegre: Globo, 1978.

_____. **Olhai os lírios do campo**. Prefácio à obra de 1966. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 17.